



## O que é Uberização do Trabalho?

Agenor Florêncio<sup>1</sup>

### Contextualizando

A uberização do trabalho é resultado de uma interseção dos avanços tecnológicos e das políticas econômicas de cunho neoliberal, que procuraram remodelar as estruturas de ofertas de postos de trabalho. O fenômeno da uberização é recente, teve seu desabrochar no final de 2010, e foi com as plataformas digitais, como a UBER e mescla tecnologia de ponta, economia de plataforma (ou *gig economy*) além de mediar um modelo flexível de trabalho, mas com uma dinâmica exploratória de trabalho precarizado na base do processo.

### Conceituando

Considerando o trabalho como uma atividade condicionante na constituição da vida humana, ou seja, ponto de partida para o processo de humanização, argumentamos que a sociedade capitalista o transformou em trabalho assalariado, alienado, fetichizado, ou seja, uma atividade reduzida a mero meio de subsistência (Antunes, 2004).

A partir do século XIX as forças produtivas desenvolvem-se cada vez mais e os meios de produção deixam de serem controlados pelos grêmios, associações e cooperativas de ofício, passando a se concentrarem cada vez mais nas mãos da burguesia. O trabalhador deixar de ser o produtor direto dos meios necessários para a sua subsistência e subordina-se a relações salariais com os capitalistas.

Tal expropriação se torna o fio condutor de todo o processo de revolução das forças produtivas do sistema capitalista. A maioria dos trabalhadores expropriados de suas terras e

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [florencioagenor@gmail.com](mailto:florencioagenor@gmail.com)

ferramentas não veem alternativas a não ser vender a sua força de trabalho em troca de uma relação salarial que faz com que o trabalho seja reduzido à criação do valor de troca. Valor este que apenas ganha sentido e se objetiva no dinheiro, resultante do assalariamento, da condição de escravatura assalariada de uns em detrimento de outros (Marx, 1996, p. 339-382).

A classe trabalhadora, portanto, é resultado de um processo histórico de acumulação de capital em que os indivíduos forçadamente destituídos dos seus meios de produção são empurrados à venda da sua força de trabalho e submetidos a condições precárias de trabalho.

O trabalho, essa importante atividade, submete os seres humanos ao estranhamento frente ao produto do seu próprio trabalho e frente ao próprio ato de produção da vida material, alterando todas as relações sociais e impedindo que a maioria dos seres humanos possa dar sentido as suas vidas de forma concreta (Antunes; Braga, 2009).

O coroamento da “grande indústria” analisada por Marx quando do início da sociedade industrial do século XIX resultará na sociedade do trabalho taylorista-fordista do século XX. Nesse itinerário, os trabalhadores assumiram-se como classe social e conquistaram direitos.

Direitos estes, entretanto, que passaram a serem atacados quando da crise do modelo taylorista-fordista a partir dos anos 1970. Crise como expressão da perda de dinamismo do modelo do pós-guerra – padrão de acumulação padronizada (Harvey, 1989) associada à crise do petróleo e do desinteresse americano na manutenção do arranjo [padrão ouro-dólar].

Num contexto de forte retração da produção e do consumo, intensificou-se o desemprego, possibilitando terreno fértil para a ideologia liberal. A ordem do capital passou a ser a derrogação e desregulamentação de direitos conquistados. Medidas como: a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e o sucateamento do setor produtivo estatal foram adotadas para que o processo de reestruturação da produção e do trabalho mantivesse os patamares de lucro e expansão de mercado (Antunes, 1999, p. 29-31).

É nesse contexto de ataque do capital ao trabalho e, simultaneamente, a evolução das forças produtivas – Revolução Tecnológica/Informacional (Castells, 2005) que se assiste ao surgimento do padrão de acumulação flexível (Harvey, 1989). A Revolução Informacional a partir de meados de 1970 irá contribuir também para mudanças no chão de fábrica (Castells, 2005: 80-95), agora de inspiração toyotista.

Nesse novo “modelo” de caráter neoliberal e novas modalidades de trabalho se produzem nas empresas, novas e precárias identidades coletivas que contribuem consideravelmente para o discurso ideológico do trabalho flexível e meritocrático. As pessoas se sentem seduzidas pelos novos mecanismos geradores de valor em uma atividade globalizada que direciona para os indivíduos todos

os insucessos e fracassos do sistema capitalista à luz da alienação do trabalho informacional (Antunes; Braga, 2019, p. 9- 18).

Nesse contexto, a busca pelo restabelecimento da acumulação produtiva e a tentativa de reposição de parte da hegemonia perdida com as lutas sociais ocorridas durante o fim da década de 1960, fizeram o capitalismo se reorganizar. Adotam-se medidas que contribuíram para o disciplinamento de grande parte dos trabalhadores e “adaptação” frente ao desmantelamento dos direitos trabalhistas.

Inicia-se, como destacamos, a mundialização da lógica econômico-produtiva da acumulação flexível. As indústrias passam de padrões hierarquizados a estratégias de reengenharia, terceirização, privatização e financeirização (Sennett, 2006). A mundialização do novo padrão de acumulação do capital adapta-se ao processo de reprodução social às novas tecnologias, recompondo o controle e gestão do trabalho, socializando para os trabalhadores, especialmente nas suas trajetórias profissionais, modos de trabalho precarizado.

A uberização é, portanto, o resultado cabal desse processo de introjeção de elementos do capitalismo neoliberal globalizado, aliado ao desenvolvimento tecnológico e a economia de plataforma uma vez que levam o discurso de flexibilidade profissional para o “colaborador” ou “parceiro” (não mais trabalhador) mas, na prática, entrega uma atividade produtiva, sem proteção trabalhista e jornadas de trabalho intermitentes.

### **O conceito em movimento**

O conceito uberização do trabalho passou a ser utilizado em 2015 após as contribuições dos pesquisadores críticos ao capitalismo de plataforma. Nesse ano, o estadunidense Tom Slee publica seu livro “What's Yours Is Mine: Against the Sharing Economy” no qual procurou argumentar de modo pertinente como a chamada economia do compartilhamento era um modelo repleto de contradições, pois procurava mascarar a natureza exploratória das plataformas uma vez que transfere para os trabalhadores riscos e custos colocando em definhamento a regulamentação trabalhista vigente, independente qual seja o país. Para criticar a falsa autonomia e flexibilidade trabalhista da economia de plataforma surgiu o conceito de uberização que carga consigo longa tradição teórica conforme o Quadro 2.

**Quadro 2 – Contribuições para o entendimento do conceito de uberização do trabalho.**

| Século XIX   | Século XX  | O início do Século XXI  | A partir de 2010  |
|--|--|---|---|
| Friedrich Engels publica <b>“A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”</b> (1845) e faz uma denúncia as condições precárias de trabalho e vida do operariado inglês         | Harry Braverman publica <b>“Trabalho e capital monopolista”</b> (1974) e expõe os problemas do capitalismo no contexto pós-taylorismo e no auge do Toyotismo exemplificando a perda dos trabalhadores sobre o seu processo produtivo.  | Ricardo Antunes publica <b>“Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho”</b> (2000) com o objetivo de fazer um resgate das principais morfologias do mundo do trabalho e o movimento dialético do trabalho enquanto de um lado, é produtor da realização humana e, por outro lado, negação por levar a exploração e alienação cada vez mais intensas. | Giovanni Alves publica <b>“Trabalho e subjetividade do trabalho: O Espírito do Toyotismo na Era do Capitalismo Manipulatório”</b> (2010) e procura mostrar que capitalismo proporciona uma degradação física, mental e subjetiva dos trabalhadores imersos, cada vez mais em condições de trabalho degradantes. |
| Karl Marx e Friedrich Engels publicam <b>“O capital- volume I”</b> (1867) e abordam o conceito de mais-valia, indispensável para compreender o processo de exploração do trabalho. | David Harvey publica <b>“A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural”</b> (1989) e procura abordar a acumulação flexível denunciando Redução da estabilidade empregatícia, aumento do trabalho temporário e informal, e enfraquecimento dos sindicatos | Richard Sennett publica <b>“A corrosão do caráter”</b> (2000) e explica como as mudanças econômicas do capitalismo afetam a vida pessoal e social dos trabalhadores.  | Guy Standing publica <b>“O Precariado: A Nova Classe Perigosa”</b> (2011) e procura entender o precariado enquanto uma nova classe social emergente caracterizada por trabalhadores ilegais ou com trabalhos instáveis ou, ainda, submetido ao trabalho das plataformas digitais.                               |
|  | Robert Castel publica <b>“A Metamorfose da Questão Social: Uma Crônica do Salariado”</b> (1995) Para denunciar os efeitos do neoliberalismo no que se refere ao desmantelamento dos direitos trabalhistas na sociedade europeia.   | Ruy Braga publica <b>“A Nostalgia do Fordismo”</b> (2003) e procura compreender as transformações do mundo do trabalho na contemporaneidade e as respostas sociais a contraofensiva neoliberal aos direitos trabalhistas  | Tom Slee publica <b>What's Yours Is Mine: Against the Sharing Economy</b> (2015) e argumenta como a economia de plataforma vem destruindo levando os trabalhadores para a uberização ao utilizar o discurso de trabalho flexível e “parceiro” entre empresa e trabalhador.                                      |

**Fonte:** Ver referências bibliográficas

### O conceito e seus usos

Já parou para pensar quando é a folga dos entregadores que levam a comida, pedida no aplicativo, até a sua casa? Já percebeu que a avaliação que você faz do serviço dos motoristas de aplicativo determina a condição de trabalho que ele terá nas próximas entregas? A sugestão é que você converse com algum trabalhador das plataformas para sentir o que eles pensam sobre os

seguintes temas: tempo de lazer, direitos trabalhistas, remunerações e perspectivas para o futuro de longo prazo.

Será que as condições de trabalho dos entregadores de aplicativo são semelhantes as condições de trabalho do século XIX? Vejamos algumas afinidades: jornada intermitente, sem direitos trabalhistas, condições degradantes de trabalho; pressão para trabalhar a partir de subenumerações e sem tempo para o lazer. Que coisa! A tecnologia vende a ideia de progresso, mas mantém na sua base condições análogas a primeira etapa da revolução industrial!

## Referências

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade do trabalho: O Espírito do Toyotismo na Era do Capitalismo Manipulatório**. São Paulo: Boi tempo Editorial, 2010

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (Org.). **Infoproletários: Degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boi tempo Editorial, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 10. Ed. São Paulo: Unicamp, 2005.

ANTUNES, Ricardo. (Org.). **A Dialética do Trabalho: Escritos de Mark e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boi tempo Editorial, 1999.

BARRETO, Júnior. **Linha de Frente: os bastidores do telemarketing**. São Paulo, Leia Sempre, 2007.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

BRAGA, Ruy. **A Nostalgia do Fordismo: Modernização e crise na teoria da sociedade salarial**. São Paulo, Xamã, 2003.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTR, 1987

CASTEL, Roberto. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Atlas, 1989.

HELOANI, Roberto. **Assédio Moral- um ensaio sobre a exploração da dignidade do trabalho**. FGV, 2004.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza e NAVARRO, Vera Lucia (Orgs.), **O Averso do Trabalho III**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FLORENCIO, Agenor. O que é Uberização do Trabalho? | Blog Café com Sociologia, mar. 2025.

SLEE, Tom. (2016). **What's Yours Is Mine: Against the Sharing Economy**. 10.2307/j.ctt1bkm65n.

STANDING, Guy. **O Precariado: A Nova Classe Perigosa**. Traduzido por Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

### Dicas de leitura

Cartilha do Tribunal Regional do Trabalho (TRT-2ª Região): o trabalho por plataformas digitais. Domínio público disponível para acesso em:

[https://ww2.trt2.jus.br/fileadmin/user\\_upload/20210910\\_cartilha\\_trabalho\\_app\\_MPT\\_online.pdf](https://ww2.trt2.jus.br/fileadmin/user_upload/20210910_cartilha_trabalho_app_MPT_online.pdf)

Cartilha do Tribunal Regional do Trabalho (TRT- 19ª Região): Delivery sim! Superexploração não! Domínio público disponível para acesso em: <https://site.trt19.jus.br/sites/default/files/2022-04/22620.pdf>

HUGO, Victor: Os miseráveis (versão em quadrinhos). Domínio público disponível para acesso em:

[https://www.lpm.com.br/pnld/2021/arquivos/livros/MidiaArquivo\\_900728.pdf?srsId=AfmBOoo0lOz9u yaDANHHMqWHIOSvFqLHt5KSQ3eFFlOu1aVaeFzzy\\_eh](https://www.lpm.com.br/pnld/2021/arquivos/livros/MidiaArquivo_900728.pdf?srsId=AfmBOoo0lOz9u yaDANHHMqWHIOSvFqLHt5KSQ3eFFlOu1aVaeFzzy_eh)

### Dicas de filmes

**EU, Daniel Blake**. Direção de Ken Loach. Produção de Rebecca O'Brien. Londres (Inglaterra): Sofa Digital, 2018. (140 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lgt4nDGM50Y>. Acesso em: 01 dez. 2024.

**'GIG - A Uberização do Trabalho'**. Direção de Carlos Juliano. Produção de Caue Angeli. Realização de Maurício Monteiro Filho. São Paulo: Repórter Brasil, 2019. (59 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cMPnAfrMLCk>. Acesso em: 01 fev. 2025.

### Dicas de músicas

**SAMBA DO OPERÁRIO**. Direção de Cartola (Angenor de Oliveira). Produção de Nelson Sargento. Música: Samba do Operário. Rio de Janeiro, 1968. (3 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p2ex7kVnQsG>. Acesso em: 05 jan. 2025.

**EU DESPEDI O MEU PATRÃO**. Direção de Zeca Baleiro. Produção de Pet Shop Mundo Cão. Realização de Mza Music. São Paulo, 2008 (4 min). P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CLhvjJkdho>. Acesso em: 01 fev. 2025.

### Dica de atividade

Atividade 01

Leia o poema “perguntas de um trabalhador letrado” (Bertold Brecht) e compare com a letra da música “samba do operário” do Cartola para responder o que se pede:

- A) Quais relações podemos estabelecer entre o poema de Brecht, a música do cartola e a vida dos trabalhadores na atualidade?
- B) É possível pensar a uberização do trabalho no poema? Aponte e comente possíveis afinidades
- C) É possível pensar a uberização do trabalho na letra da música? Aponte e comente possíveis afinidades

## Questão no Padrão ENEM

### Texto I

#### Trecho de "Samba do Operário" (Cartola)

“Se o operário soubesse reconhecer o valor que tem seu dia! Por certo que vallheria duas vezes mais o seu salário”

### Texto II

#### Contexto sobre a Uberização do Trabalho

A uberização é um fenômeno contemporâneo que se caracteriza pela precarização das relações de trabalho, marcada pela flexibilização, ausência de vínculos empregatícios e controle algorítmico. Nesse modelo, os trabalhadores são tratados como "parceiros" ou "autônomos", mas na prática, estão subordinados às plataformas digitais, que determinam suas rotinas, ganhos e condições de trabalho.

**Com base nos textos e em seus conhecimentos, assinale a alternativa que melhor relaciona o trecho da música de Cartola com o fenômeno da uberização:**

- A) O trecho da música reflete a autonomia do trabalhador, que, na uberização, tem liberdade para escolher seus horários e rotas, sem interferência das plataformas digitais.
- B) A repetição dos versos na música sugere a alienação do trabalhador, que, na uberização, é submetido a um ciclo de exploração em que o trabalho controla sua vida, assim como a plataforma controla o trabalhador.
- C) A música de Cartola celebra a relação harmoniosa entre o operário e o produto de seu trabalho, o que se assemelha à valorização do trabalhador autônomo no contexto da uberização.
- D) O trecho da música evidencia a independência do operário, que, assim como os motoristas de aplicativo, não depende de intermediários para realizar seu trabalho.
- E) A música critica a falta de reconhecimento do trabalho operário, problema que foi superado pela uberização, que garante direitos trabalhistas e proteção social aos motoristas.

#### Como citar este texto:

FLORÊNCIO, Agenor. O que é Uberização do Trabalho? **Blog Café com Sociologia**. Mar. 2025. Disponível em:

<https://cafecomsociologia.com/o-que-e-uberizacao-do-trabalho/>